

Francesca Zappia

INVENTEI VOCÊ?

Tradução
Monique D'Orazio

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Katia Rossini

Revisão

Cleide Salme

Capa e ilustrações do miolo

Sylvie Le Floc'h

Arte da capa

© Triston Lane, 2015

Projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva (baseado no projeto gráfico original de Sylvie Le Floc'h)

Título original*Made You Up*

ISBN: 978-85-7686-424-0

Copyright © Francesca Zappia, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Z38i

Zappia, Francesca

Inventei você? / Francesca Zappia ; tradução Monique

D'Orazio. -- 1. ed. -- Campinas, SP : Verus, 2017.

: il. ; 23 cm.

Tradução de: *Made You Up*

ISBN: 978-85-7686-424-0

1. Ficção americana. 2. Esquizofrenia - Ficção. I. D'Orazio, Monique. II. Título.

17-39858

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PRÓLOGO

A libertação das lagostas



Se eu me comportasse no supermercado, ganhava um achocolatado. Se me comportasse *muito bem*, podia ver as lagostas.

Hoje eu me comportei muito bem.

Minha mãe me deixou no tanque de lagostas, no meio do corredor principal, enquanto ia buscar as costeletas de porco do meu pai, no balcão da delicatessen. As lagostas me fascinavam. Tudo, desde o nome até as garras e o vermelho magnífico, tinha me deixado vidrada.

Meus cabelos eram vermelhos assim, aquele tom de vermelho que fica bem em tudo, menos em gente, porque cabelo não é para ser vermelho. Alaranjado, sim. Ruivo, com certeza.

Não vermelho-lagosta.

Peguei minhas marias-chiquinhas, pressionei-as no vidro e fiquei olhando bem nos olhos da lagosta mais próxima.

Meu pai dizia que meus cabelos eram vermelho-lagosta. Minha mãe dizia que eram vermelho-comunista. Eu não sabia o que era comunista, mas não parecia algo bom. Mesmo grudando os cabelos no vidro, eu não sabia dizer se meu pai estava certo. Parte de mim não queria que nenhum dos dois estivesse.

— Me deixe sair — disse a lagosta.

Ela sempre dizia isso. Esfreguei os cabelos no vidro como se o tanque fosse a lâmpada de um gênio e o gesto fosse despertar um pouco de magia. Talvez, de alguma forma, eu conseguisse tirar aquelas lagostas dali. Elas pareciam tão tristes, todas amontoadas umas sobre as outras, antenas mexendo, pinças presas com elásticos.

— Você vai comprar uma?

Vi o reflexo de Olhos Azuis no vidro do tanque de lagostas antes que ele falasse. Grandes olhos azuis. Azul da cor de mirtilo. Não, esse é muito escuro. Azul-oceano. Esverdeado demais. Azul como todos os gizes de cera azuis que eu tinha, todos fundidos em um só.

O canudo que eu tinha enfiado no gargalo da garrafinha de achocolatado ficou pendurado nos meus lábios.

— Você vai comprar uma? — ele perguntou de novo. Sacudi a cabeça. Ele empurrou os óculos da ponta do nariz de volta ao lugar, apoiados nas bochechas de sardas douradas. O colarinho sujo de sua blusa deslizou para revelar um ombro sardento. O fedor de peixe e sujeira de lagoa estava grudado nele.

— Sabia que fósseis de lagostas com pinças datam do período Cretáceo? — ele perguntou.

Sacudi a cabeça (eu teria que perguntar ao meu pai o que era “Cretáceo”) e dei um longo e barulhento gole no achocolatado.

Ele estava me encarando, e não à lagosta.

— *Animalia Arthropoda Malacostraca Decapoda Nephropidae* — disse.

Ele se atrapalhou um pouco com a última palavra, mas não importava, já que eu não entendi nada do que tinha saído de sua boca.

— Eu gosto de classificação científica — disse ele.

— Não sei o que isso significa — respondi.

Ele ajeitou os óculos no nariz mais uma vez.

— *Plantae Sapindales Rutaceae Citrus*.

— Também não sei o que isso significa.

— Você tem cheiro de limão.

Senti uma onda de alegria delirante por ele ter dito “Você tem cheiro de limão”, em vez de “Seu cabelo é vermelho”.

Eu sabia que meu cabelo era vermelho. Todo mundo podia ver que meu cabelo era vermelho. Mas eu não sabia que tinha cheiro de fruta.

— Você tem cheiro de peixe — eu disse a ele.

Ele murchou, e as bochechas sardentas ficaram coradas.

— Eu sei.

Olhei em volta, à procura de minha mãe. Ela ainda estava na fila da delicatessen e não parecia ter planos de me buscar num futuro próximo. Peguei a mão dele. Ele deu um pulo e ficou olhando para a conexão como se algo, ao mesmo tempo mágico e perigoso, tivesse acontecido.

— Quer ser meu amigo? — perguntei. Ele ergueu os olhos e arrumou de novo os óculos.

— Tá bom.

— Quer achocolatado? — ofereci a garrafinha.

— O que é achocolatado?

Coloquei a bebida um pouco mais perto de seu rosto, caso ele não tivesse visto. Ele pegou a garrafa e inspecionou o canudo.

— Minha mãe disse que eu não devo beber depois de outra pessoa. É anti-higiênico.

— Mas é chocolate — respondi.

Ele olhou, incerto, para a garrafa, antes de dar um gole meio frouxo e estendê-la de volta para mim. Não se mexeu por um segundo nem falou, mas depois se inclinou para outro gole.

No fim das contas, Olhos Azuis sabia muito mais do que a classificação científica de plantas e animais. Ele sabia tudo. Sabia os preços de tudo na loja. Sabia quanto custaria comprar todas as lagostas do tanque (101,68 dólares, mais impostos). Sabia o nome dos presidentes dos Estados Unidos e quem tinha vindo depois de quem. Sabia quais eram os imperadores romanos, o que me impressionou ainda mais. Ele sabia que a circunferência da Terra é de quarenta mil quilômetros e que apenas o pássaro cardeal macho é vermelho-vivo.

Mas ele realmente conhecia as palavras.

Olhos Azuis tinha uma palavra para tudo.

Palavras como “dactílio”, “missiva” e “petricor”. Palavras cujos significados escorregavam por entre meus dedos como se fossem água.

Eu não entendia a maior parte do que ele dizia, mas não me importava. Ele foi o primeiro amigo que eu tive. O primeiro amigo real.

Além disso, eu gostava muito de segurar sua mão.

— Por que você cheira a peixe? — perguntei. Caminhávamos devagar enquanto conversávamos, percorrendo longos círculos no corredor principal.

— Eu estava numa lagoa.

— Por quê?

— Fui jogado dentro.

— Por quê?

Ele deu de ombros e estendeu a mão para coçar as pernas, cobertas de band-aids.

— Por que você está machucado? — perguntei.

— *Animalia Annelida Hirudinea*.

As palavras deixaram sua boca como um xingamento. Suas bochechas ficaram muito vermelhas quando ele coçou com mais entusiasmo. Seus olhos tinham ficado inteiramente marejados. Paramos no tanque.

Um dos funcionários da loja saiu de trás do balcão de frutos do mar e, nos ignorando, abriu uma escotilha no topo do tanque de lagostas. Enfiou a mão enluvada lá dentro e tirou o sr. Lagosta. Depois, fechou a escotilha e levou a lagosta embora.

E eu tive uma ideia.

— Vem aqui. — Puxei Olhos Azuis para trás do tanque. Ele enxugou os olhos. Olhei para ele até que me olhasse também. — Você me ajuda a tirar as lagostas daí?

Ele fungou. Depois concordou com a cabeça.

Coloquei a garrafa de achocolatado no chão e ergui os braços.

— Você pode me levantar?

Ele passou os braços em volta da minha cintura e me levantou. Minha cabeça disparou acima do topo do tanque, os ombros nivelados com a escotilha. Eu era gordinha e achei que quebraria Olhos Azuis ao meio, mas ele só oscilou um pouco, grunhindo.

— Só fique parado — eu lhe disse.

A escotilha tinha uma haste perto da borda. Agarrei-a e puxei para abrir, tremendo por causa do ar frio que soprou de dentro do tanque.

— O que você está fazendo? — perguntou Olhos Azuis, com a voz abafada pelo esforço e pela minha blusa.

— Fique quieto! — eu disse, olhando ao redor. Ninguém tinha nos notado ainda.

As lagostas estavam empilhadas logo abaixo da escotilha. Mergulhei a mão lá. Senti um choque percorrer pela minha coluna por causa do frio. Meus dedos se fecharam ao redor da lagosta mais próxima.

Eu esperava que ela agitasse as pinças e enrolasse e desenrolasse a cauda, mas isso não aconteceu. Senti como se estivesse segurando um escudo pesado. Tirei-a da água.

— Obrigado — disse a lagosta.

— De nada — respondi. Joguei-a no chão.

Olhos Azuis tropeçou, mas não perdeu o controle embaixo de mim. A lagosta ficou parada ali por um momento, depois começou a rastejar sobre o ladrilho do chão.

Mergulhei a mão em direção a outra. E outra. E outra. E logo o tanque inteiro de lagostas estava rastejando pelo chão de ladrilhos do supermercado Meijer. Eu não sabia para onde estavam indo, mas elas pareciam ter uma boa ideia. Olhos Azuis me colocou no chão, bufando, e nós dois aterrissamos numa poça de água fria. Ele olhou para mim, os óculos pendendo da ponta do nariz.

— Você faz isso sempre? — perguntou.

— Não — disse eu. — Só hoje.

Ele sorriu.

Logo depois a gritaria começou. Mãos agarraram meus braços e me colocaram em pé, apressadamente. Minha mãe estava gritando para mim, me puxando para longe do tanque. Olhei além dela. As lagostas já tinham ido embora. Água gelada escorria do meu braço.

Olhos Azuis ainda estava na poça. Ele pegou a garrafa abandonada de achocolatado e se despediu com um aceno. Tentei fazer minha mãe parar, tentei voltar para perguntar o nome dele.

Ela simplesmente andou mais rápido.

PARTE I | 0
tanque

1



Às vezes, acho que as pessoas tomam a realidade como algo certo.

Quer dizer, como você pode distinguir um sonho da vida real? Quando está no meio do sonho, a pessoa pode não saber, mas, assim que acorda, entende que o sonho era um sonho e, seja lá o que tenha acontecido nele, bom ou ruim, não era real. A menos que se esteja na Matrix, este mundo é real, e o que se faz nele é real, e basicamente é só isso que se precisa saber.

As pessoas tomam isso como certo.

Por dois anos depois daquele dia fatídico no supermercado, pensei que realmente tinha soltado aquelas lagostas. Pensei que elas iriam se arrastar para longe, encontrar o mar e viver felizes para sempre. Quando fiz dez anos, minha mãe descobriu que eu achava que era algum tipo de salvadora de lagostas.

Também descobriu que, para mim, todas as lagostas eram vermelho-vivo.

Primeiro ela me disse que eu não tinha libertado lagosta nenhuma. Tinha enfiado o braço dentro do tanque, até que ela apareceu para me afastar dali, envergonhada. Então explicou que as lagostas só ficavam vermelho-vivo depois de cozidas. Eu não acreditei nela porque, para mim, lagostas nunca tiveram nenhuma outra cor. Minha mãe nunca mencionou Olhos

Azuis, e eu não precisei perguntar. Meu primeiro amigo na vida era uma alucinação: um detalhe brilhante no meu novo currículo de pessoa louca.

Então minha mãe me levou a uma consulta com um terapeuta infantil, e fui apresentada pela primeira vez, de verdade, à palavra “insana”.

Não se esperava que a esquizofrenia se manifestasse até o fim da adolescência, no mínimo, mas eu tinha conseguido uma amostra dela com apenas sete anos de idade. Fui diagnosticada aos treze. “Paranoica” veio mais ou menos um ano mais tarde, depois de eu ter atacado verbalmente uma bibliotecária que tentou me entregar panfletos de propaganda de uma força comunista subterrânea, que operava no porão de uma biblioteca pública. (Ela sempre foi um tipo muito suspeito de bibliotecária — me recuso a acreditar que calçar luvas de borracha para lidar com livros seja uma prática normal e aceitável, e não me importo com o que as pessoas digam.)

Minha medicação ajudou algumas vezes. Eu sabia que estava fazendo efeito quando o mundo parou de ser tão colorido e interessante, como era normalmente. Como quando eu percebia que as lagostas no tanque não eram vermelho-vivo. Ou quando me dava conta de que verificar minha comida em busca de rastreadores era ridículo (mas fazia isso mesmo assim, porque acalmava a pontada de paranoia que eu sentia atrás do pescoço). Eu também sabia que estava funcionando quando eu não conseguia me lembrar das coisas claramente, sentia que não tinha dormido por dias e tentava calçar os sapatos ao contrário.

Metade do tempo, os médicos nem tinham certeza do que o remédio faria.

— Bem, deve diminuir a paranoia, os delírios e as alucinações, mas vamos ter que esperar para ver. Ah, e você provavelmente às vezes vai se sentir cansada. Também beba muito líquido, porque pode ficar desidratada facilmente. Além disso, pode causar muita flutuação de peso. Realmente, não dá para saber.

Os médicos foram de grande ajuda, mas desenvolvi meu próprio sistema para descobrir o que era real e o que não era. Eu tirava fotos. Ao longo do tempo, o real continuava na foto, enquanto as alucinações desapareciam. Descobri que tipos de coisas minha mente gostava de inventar. Como out-

doors cujos ocupantes usavam máscaras de gás e lembravam aos transeuntes de que o gás venenoso da Alemanha nazista de Hitler ainda era uma ameaça muito real.

Eu não podia me dar ao luxo de tomar a realidade como algo bem definido. E não diria que odiava as pessoas que podiam, porque, basicamente, eram todas as pessoas. Eu não as odiava. Elas não viviam no meu mundo.

Mas isso nunca me impediu de desejar viver no delas.

2



Na véspera do meu primeiro dia no último ano da Escola de Ensino Médio East Shoal, sentei-me atrás do balcão no restaurante Finnegan's, analisando as janelas escurecidas em busca de sinais de movimentos suspeitos. Normalmente a paranoia não era tão ruim; eu culpava esse negócio de primeiro dia. Ser perseguida na última escola era uma coisa; começar em uma escola nova era algo completamente diferente. Eu havia passado o verão inteiro no Finnegan's, tentando não pensar a respeito.

— Sabe, se o Finnegan estivesse aqui, te chamaria de louca e mandaria você voltar ao trabalho.

Girei no lugar. Tucker estava inclinado na porta da cozinha, mãos enfiadas nos bolsos do avental, sorrindo para mim. Eu teria retrucado na lata se ele não fosse meu único informante sobre a East Shoal — e meu único amigo. Desengonçado, de óculos, cabelos pretos como uma mancha de óleo, sempre penteado para a frente com perfeição, Tucker era ajudante, garçom e caixa no Finnegan's, para não mencionar a pessoa mais inteligente que eu conhecia.

Ele não sabia sobre mim, por isso sua afirmação de que Finnegan teria me chamado de louca foi pura coincidência. Finnegan sabia, claro; a irmã dele era a minha mais nova terapeuta, que tinha conseguido aquele emprego para mim. Mas nenhum dos outros funcionários — como Gus, o cozinheiro

mudo que fumava como uma chaminé — fazia ideia, e eu pretendia que todos continuassem sem saber.

— Ha, ha — respondi, tentando não dar importância. *Derrote a louca*, disse a vizinha no fundo da minha mente. *Não a deixe sair, sua idiota*.

O único motivo pelo qual eu tinha aceitado o emprego era que eu precisava parecer normal. E talvez um pouquinho porque minha mãe me forçara a aceitar.

— Alguma pergunta? — disse Tucker, dando a volta para se apoiar no balcão a meu lado. — Ou a cruzada acabou?

— Você quer dizer a inquisição. E, sim, acabou. — Impedi que meus olhos voltassem para as janelas. — Já passei três anos no último colégio. A East Shoal não pode ser muito diferente da Hillpark.

Tucker fez um ruído de desdém pelo nariz.

— A East Shoal é diferente de *qualquer lugar*. Mas acho que você vai descobrir amanhã.

Tucker era a única pessoa que parecia pensar que a East Shoal não era o lugar perfeito para se estar. Minha mãe achava que uma escola nova era uma ótima ideia. Minha terapeuta insistiu que, lá, eu me sairia melhor. Meu pai disse que daria tudo certo, mas parecia que minha mãe o tinha ameaçado, e, se ele estivesse aqui e não em algum lugar na África, teria me contado o que realmente pensava.

— Enfim — disse Tucker —, as noites de semana não são nem de perto tão ruins quanto os fins de semana.

Eu imaginava. Eram dez e meia e o lugar estava morto. E, por morto, quero dizer igual a toda a população de gambás dos subúrbios de Indiana. Era para Tucker estar me ensinando a trabalhar no turno da noite. Eu sempre trabalhava no turno diurno durante o verão, um plano elaborado pela minha terapeuta, que rapidamente recebeu as bênçãos de minha mãe. Mas, agora que as aulas iriam voltar, tínhamos concordado que eu trabalharia à noite. Peguei a Bola 8 Mágica do Finnegan de trás do caixa. Meu polegar procurou a marca vermelha desgastada na parte de trás da bola, tentando esfregá-la como eu sempre fazia quando ficava entediada. Tucker agora estava perdido em pensamentos, enquanto alinhava uma cavalaria de pimenteiros em frente a um bloco de infantaria inimigo de saleiros.

— Ainda vamos receber alguns retardatários — disse ele. — O pessoal que vem tarde da noite é assustador. Uma vez entrou um cara muito bêbado. Lembra dele, Gus?

Um fio de fumaça de cigarro trilhou a janelinha de pedidos e subiu ao teto. Em resposta à pergunta de Tucker, várias baforadas maiores nublarão o ar. Eu tinha quase certeza de que o cigarro de Gus não era real. Se fosse, estaríamos violando umas cem políticas sanitárias.

A expressão de Tucker ficou sombria. As sobranceiras se aproximaram e a voz ficou inexpressiva.

— Ah, e tem o Miles.

— Que Miles?

— Ele deve chegar logo. — Tucker apertou os olhos para sua batalha de temperos. — Vem do trabalho, a caminho de casa. Ele é *todo* seu.

Estreitei os olhos.

— E por que exatamente ele é *todo* meu?

— Você vai ver. — Ele ergueu os olhos quando um par de faróis iluminou o estacionamento. — Ele chegou. Regra número um: não faça contato visual.

— O quê? Ele é um gorila? Isso aqui é o Parque dos Dinossauros? Vou ser atacada?

Tucker me lançou um olhar sério.

— Sem dúvida, é uma possibilidade.

Um garoto da nossa idade entrou pela porta. Ele estava vestindo camiseta branca e jeans preto. Uma camisa polo estava pendurada em uma das mãos. Se esse era o Miles, ele não me deu muita chance de fazer contato visual; foi direto para a mesa do canto, no meu setor, e sentou de costas para a parede. Por experiência própria, eu sabia que aquele assento era o que tinha a melhor visão do salão. Mas nem todo mundo era paranoico como eu.

Tucker se inclinou para o vão da janelinha de pedidos.

— Ei, Gus. Está com o prato de sempre do Miles?

A fumaça de cigarro de Gus se enovelou no ar quando ele passou um cheeseburger com fritas. Tucker pegou o prato, encheu um copo com água e colocou tudo no balcão a meu lado.

Dei um salto quando percebi que Miles estava nos encarando sobre o aro dos óculos. Um bolinho de notas já havia sido colocado na beirada da mesa.

— Ele tem algum problema? — sussurrei. — Sabe... mental?

— Sem dúvida, ele não é como nós. — Tucker bufou e voltou a mexer com seus exércitos.

Ele não é comunista. Não está com equipamento de transmissão. Não olhe embaixo da mesa, idiota. É só um cara querendo comida.

Miles baixou os olhos quando eu cheguei perto.

— Oi! — disse eu, já me encolhendo na hora em que a palavra me escapou pela boca. Animada demais. Tossi e verifiquei as janelas dos dois lados da mesa. — Hum, sou a Alex. — Baixei a voz. — Vou ser sua garçonete. — Servi a comida e a água. — Algo mais?

— Não, obrigado. — Ele enfim olhou para cima.

Várias sinapses implodiram em meu cérebro. Os *olhos* dele.

Aqueles olhos.

O olhar fulminante descascou camadas de minha pele e me deixou presa no lugar. Sangue fluíu para meu rosto, pescoço, orelhas. Ele tinha os olhos mais azuis que eu já vira. E eram completamente impossíveis.

Minhas palmas coçaram, querendo minha câmera. Eu precisava tirar uma foto dele. Precisava documentar aquilo. Porque a Libertação das Lagostas não tinha sido real; nem ela, nem Olhos Azuis. Minha mãe nunca o havia mencionado. Não aos terapeutas, nem a meu pai, nem a ninguém. Ele não poderia ser real.

Gritei xingamentos para Finnegan em minha mente. Ele havia me proibido de trazer a câmera para o trabalho, depois que fotografei um homem irado com um tapa-olho e uma perna de pau.

Miles empurrou o maço de notas na minha direção com o indicador.

— Fique com o troco — murmurou.

Peguei e corri de volta para o balcão.

— *Oi!* — imitou Tucker num falsete.

— Cala a boca. Eu não falei desse jeito.

— Nem acredito que ele não arrancou a sua cabeça com uma mordida.

Enfiei o maço de notas na gaveta do caixa e afastei o cabelo do rosto com mãos trêmulas.

— É — respondi —, nem eu.

* * *

Quando Tucker foi para os fundos fazer o intervalo, assumi o comando do exército de temperos. A fumaça de cigarro do Gus pairava até o teto, puxada pelo duto de ventilação. O ventilador giratório na parede fazia farfalhar os papéis no quadro de aviso dos funcionários.

No meio da minha recriação da Batalha do Bulge, sacudi a Bola 8 Mágica do Finnegan, para descobrir se o saleiro alemão teria sucesso na ofensiva.

Pergunte de novo mais tarde.

Negócio inútil. Se os Aliados tivessem seguido tal conselho, o Eixo teria ganhado a guerra. Evitei olhar para Miles pelo máximo de tempo possível, mas chegou uma hora em que meus olhos se voltaram para ele e eu não consegui desviar o olhar. Ele comia com movimentos rígidos, como se mal estivesse se contendo para enfiar tudo na boca de uma vez. E, a intervalos de poucos segundos, os óculos escorregavam pelo nariz e ele os empurrava de volta.

Ele não ergueu os olhos para mim quando enchi seu copo de água. Fiquei olhando para o topo de sua cabeça de cabelos cor de areia enquanto o servia, incitando-o mentalmente a levantar o olhar.

Estava tão ocupada em manter o foco que não notei o copo cheio até que transbordasse. Soltei a jarra, em choque. A água o molhou todo — o braço, a camisa, o colo. Ele se levantou tão depressa que a cabeça bateu na lâmpada suspensa e a mesa se inclinou.

— Eu... Ai, droga, desculpa... — Corri para o balcão, onde estava Tucker, a mão sobre a boca, o rosto ficando vermelho, e peguei uma toalha.

Miles usou a camisa polo para absorver um pouco da água, mas estava ensopado.

— *Mil* desculpas. — Tentei secar seu braço, muito consciente de que minhas mãos ainda estavam trêmulas.

Ele se encolheu antes que eu pudesse tocá-lo e olhou feio para mim, para a toalha e de volta para mim. Depois pegou a polo, empurrou os óculos no nariz e fugiu.

— Tudo bem — murmurou ao passar por mim. Estava fora da porta antes que eu pudesse dizer mais uma palavra.

Terminei de limpar a mesa, depois voltei para o balcão com passos pesados.

Tucker, controlado, pegou os pratos de minha mão.

— Bravo. Trabalho brilhante.

— Tucker.

— Sim?

— Cala a boca.

Ele riu e desapareceu dentro da cozinha.

Aquele era Olhos Azuis?

Peguei a Bola 8 Mágica e esfreguei a marca enquanto olhava pela janelinha circular.

Melhor não dizer agora.

Maldito negócio evasivo.